

Violência contra mulher: à percepção dos graduandos de enfermagem

Violence against women: the perception of nursing graduates

DOI:10.34117/bjdv7n2-357

Recebimento dos originais: 10/01/2021

Aceitação para publicação: 19/02/2021

Debiane da Silva

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe

Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE

E-mail: debiiane@hotmail.com

Jeisiane Carvalho de Souza Diniz Lopes

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe

Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE

E-mail: jeiseanecarvalho@gmail.com

Ellen Matos Alves

Acadêmica do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe

Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE

E-mail: ellenalves0506@gmail.com

Tereza Monique Côrtes Gomes

Enfermeira pelo Centro Universitário Estácio de Sergipe

Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE

E-mail: moniquecorttes@gmail.com

Andriellen Rabelo Carvalho

Especialista em Enfermagem do Trabalho e em UTI Geral e Gestão da Assistência Intensiva ao Paciente Crítico Pós-Graduada em Obstetrícia e Neonatologia

Centro Universitário Estácio de Sergipe

Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE

E-mail: enfermeiradricar2@gmail.com

Ana Fátima Souza Melo de Andrade

Enfermeira. Mestra em Saúde e Ambiente. Docente do curso de enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe

Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE

E-mail: anafatimamelo@hotmail.com

Taciana Silveira Passos

Enfermeira. Mestre e Doutoranda em Saúde e Ambiente na Universidade Tiradentes

Av. Murilo Dantas, nº 300, Bairro Farolândia, Aracaju – SE

E-mail: taciana.silveira@acad.unit.br

André Luiz de Jesus Morais

Enfermeiro pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Saúde Ocupacional e em Enfermagem do Trabalho. Mestre em Saúde e Ambiente e doutorando em Saúde Pública. Docente do Centro Universitário Estácio de Sergipe
Rua Teixeira de Freitas, n 10, Bairro Salgado Filho, Aracaju - SE
E-mail: enfermeiro.andre@hotmail.com

RESUMO

Objetivo: conhecer as percepções dos graduandos em Enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe, sobre violência contra a mulher. Método: Pesquisa de caráter descritivo exploratório com abordagem qualitativa. Foi realizada no Centro Universitário Estácio de Sergipe com acadêmicos do curso de graduação de enfermagem, do município de Aracaju/ SE, no período de agosto a setembro de 2020. Resultado: Os indivíduos eram predominantemente do sexo feminino (97,14%), cor parda (61,43%), faixa etária 25-a 30 anos (67,95%), sem filhos (72,86%). Evidenciou-se que não houve relevância entre o sexo, cor da pele, características pessoais, em sentirem-se aptos ou não a atender mulheres vítimas de violência. Conclusão: Conclui-se que se compreende que a violência contra mulher é um tema que deve ser mais abordado durante a graduação dos acadêmicos de enfermagem para que haja maior preparação para atuação no campo de trabalho frente a esse problema de saúde pública.

Palavras-chaves: Violência contra mulher, Estudantes de Enfermagem, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to get to know the perceptions of undergraduate nursing students at the Centro Universitário Estácio de Sergipe, about violence against women. Method: Exploratory descriptive research with a qualitative approach. It was held at the Estácio de Sergipe University Center with undergraduate nursing students from the municipality of Aracaju / SE, from August to September 2020. Result: The individuals were predominantly female (97.14%), color mixed race (61.43%), age group 25- to 30 years old (67.95%), without children (72.86%). It was evident that there was no relevance between sex, skin color, personal characteristics, in feeling able or not to attend women victims of violence. Conclusion: We conclude that it is understood that violence against women is a topic that must be addressed more during the graduation of nursing students so that there is greater preparation to work in the field of work in the face of this public health problem.

Keywords: Violence against women, Nursing students, Nursing.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra mulher é compreendida como qualquer conduta que lesione a integridade física, mental ou moral de uma determinada pessoa ou grupo. Ela pode estar presente dentre os grupos familiares, instituições de trabalho ou em relações escolares (OPAS/OMS, 2017).

Com isso, é considerado como um fator social que está presente no dia a dia da sociedade, seja através dos noticiários, como também nos debates acadêmicos, estudos teóricos sobre a temática e, principalmente, nos lares brasileiros, tais atos estão

relacionados com vários sentimentos, como por exemplo, o de posse, de desrespeitos, preconceito, machismos e de medo, dor, angústia entre outros (SANTOS et al., 2019).

A Lei Maria da Penha de 2006, descreve os tipos de violência, sendo: física, entendida como conduta que agride a integridade ou a saúde corporal, já a violência psicológica, é caracterizada por dano emocionais, como também a diminuição da autoestima. Além dessas violências, existe a violência sexual, que é a atitude constrangedora que leva a mulher manter ou a participar de relação sexual não desejada, a violência patrimonial ocorre por retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, bens e valores e a violência moral está direcionada como a calúnia, difamação ou injúria (LEI MARIA DA PENHA, 2006).

A legislação jurídica assegura que as mulheres vivam sem violência, com por exemplos possam ter direitos igualitários, independente da sua classe, gênero, cultura, nível educacional e religião, preservando sua saúde física e mental da mulher, na qual irá criar um mecanismo para coibir e prevenir a violência contra a mulher (LEI MARIA DA PENHA, 2006).

Conforme o estudo indica que a violência física tem maior prevalência diante dos outros tipos, com cerca de 67% das mulheres afirmam ter sofrido esse tipo de agressão. Seguida pela violência psicológica com 47% das menções. As violências morais e sexuais são relatadas em 36% e 15% respectivamente. Ressalta-se que houve um aumento significativo do percentual de mulheres que mencionaram ter sido vítimas de violência sexual, passando de 5% em 2011 para 15% em 2017 (DATASENADO, 2017).

Diante disso, dados mostram que a cada 17 minutos uma mulher sofre agressão física no Brasil. Em meia em meia hora sofre violência psicológica ou moral. A cada 3 horas é relatado um caso de cárcere privado, assim como toda semana 33 mulheres são mortas por seus parceiros, sendo eles antigos ou atuais. 75% das vítimas sofrem ataques semanalmente e essa circunstância se repete por até 5 anos. Destacando-se como principal agressor seus companheiros (COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER, 2018).

Os altos registros de casos refletem na elevação da demanda de atendimentos executados pelos profissionais dos serviços de saúde. Os profissionais de enfermagem atualmente lidam com a prestação do primeiro atendimento a essas vítimas na unidade de atenção básica, exercendo o cuidar integral, buscando respostas que atendam às necessidades dos pacientes e familiares. Sendo assim, o enfermeiro deve agir de forma autônoma com bases nos princípios éticos, legais, científicos e filosóficos visando a

promoção do ser humano (RESOLUÇÃO N° 564/2017 DO CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN, 2017).

O atendimento de saúde à mulher violentada deve ser integral e ter como objetivo oferecer uma atenção voltada para a manutenção, restauração e promoção da saúde, na qual o bem-estar físico e psicológico da vítima. Ressalta-se que os serviços de saúde não ofertam apenas o diagnóstico e tratamento de doenças ou transtornos, mas também direciona a prevenção e favorecem uma vida saudável com o intuito de diminuir o índice de violência (SANTOS, ALMEIDA, 2017).

O estudo é de ampla relevância, pois possibilitará a discussão da temática violência à mulher na formação dos acadêmicos do curso de enfermagem, construindo um pensamento crítico e uma visão holística e humanizada a cerca desse problema de saúde pública. O que comportará junto aos serviços de saúde a oferta futura de uma assistência integralizada e humana. Objetivou-se conhecer as percepções dos graduandos em Enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe, sobre violência contra a mulher.

2 MÉTODO

Estudo de campo do tipo exploratório com caráter quanti-qualitativo. Realizada no Centro Universitário Estácio de Sergipe com acadêmicos do curso de graduação de enfermagem, do município de Aracaju Sergipe, que estavam entre o quinto e décimo período, na qual foi realizada no período de agosto a setembro de 2020.

Foram incluídos nessa pesquisa os acadêmicos do curso de enfermagem que estavam devidamente matriculados na instituição de ensino superior, que já cursaram disciplinas práticas de atendimento à saúde da mulher nas unidades básicas de saúde e em instituições hospitalares (alunos entre o quinto e décimo período da graduação), que aceitaram participar espontaneamente do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como forma de segurança para o entrevistado quanto para o entrevistador. Os critérios de exclusão englobaram os acadêmicos de enfermagem que não cursaram disciplinas práticas de atendimento à saúde da mulher, estudantes com curso inferior ao quinto período de graduação e quem não assinaram o Temo de Consentimento Livre Esclarecido.

O risco que poderia ocorrer, era o constrangimento por parte do entrevistado por não saber responder as questões que compunha o questionário, este foi minimizado por meio de uma coleta de dados online, pelo formulário Google Docs. Os benefícios seriam a

promoção de capacitações para os acadêmicos do curso de enfermagem e melhoria no perfil do discente de enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe.

Foi utilizado um instrumento para a coleta de dados semi-estruturado já validado, empregado no estudo de Silva (2017), intitulada por: Violência doméstica e familiar e a escola como ambiente de mudanças comportamentais, adaptado para a ferramenta Google Docs. Por meio das variáveis dependentes, foi identificada a percepção dos acadêmicos acerca da temática supracitada.

A coleta de dados foi realizada por meio do instrumento de coleta de dados, um questionário semi-estruturado com questões objetivas e foram aplicadas aos acadêmicos de enfermagem do Centro Universitário Estácio de Sergipe, estes responderam o instrumento (Anexo 1), após assinarem o termo de consentimento livre esclarecido de forma remota.

Esta pesquisa foi submetida para apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Estácio de Sergipe, por meio da Plataforma Brasil, CAAE 36808820.7.0000.8079 e obedeceu aos critérios de ética em pesquisa com seres Humanos conforme nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os dados coletados e analisados serão mantidos por cinco anos na posse dos pesquisadores para eventuais comprovações. Todos os participantes do estudo foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme preconiza a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Os dados foram digitados no Excel e processados no Programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 15.0, e apresentados por meio de estatísticas descritivas. Foi utilizada análise univariada por meio de distribuições de frequências em número absoluto e porcentagem. Posteriormente, o teste Qui-quadrado de Pearson foi utilizado para análise da proporção de distribuição das variáveis sociodemográficas, acadêmicas e pessoais em relação ao desfecho do estudo: autopercepção de preparo para prestar o atendimento a vítima de violência. O nível de significância estatística utilizado foi de 5% (p menor ou igual 0,05).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo foi realizado com acadêmicos de enfermagem, na qual os indivíduos eram predominantemente do sexo feminino (97,14%), cor parda (61,43%), faixa etária 25-a 30 anos (67,95%), sem filhos (72,86%) (Tabela 01).

Tabela 01- Distribuição das variáveis sociodemográficos por autopercepção de preparo para prestar o atendimento a vítima de violência.

	n(%)	Percepção de preparo para prestar o atendimento a vítimas de violência		P
		Não n(%)	Sim	
Sexo				0,108
Feminino	68 (97,14)	29 (41,43)	39 (55,71)	
Masculino	2(2,86)	2 (2,86)	-	
Cor de pele				0,582
Branco	15 (21,43)	8 (11,43)	7 (10,00)	
Parda	43 (61,43)	19 (27,14)	24 (34,29)	
Preta	12 (17,14)	4 (5,71%)	8 (11,43)	
Faixa etária				0,501
18 a 24 anos	32 (10,34)	12 (17,14)	20 (28,57)	
25 a 30 anos	24 (67,95)	13 (18,57)	11 (15,71)	
31 a 40 anos	13 (8,32)	6 (8,57)	7 (10,00)	
Acima de 40 anos	1 (1,43)	-	1 (1,43)	
Tem filhos				0,191
Sim	19 (27,14)	6 (8,57)	13 (18,57)	
Não	51 (72,86)	25 (35,71)	26 (37,14)	
Total	70 (100,00)			
Quantos filhos				0,225
01 filho	12 (17,14)	3 (4,29)	9 (12,86)	
02 filhos	5 (7,14)	3 (4,29)	2 (2,86)	
03 ou mais filhos	2 (2,86)	-	2 (2,86)	
Não se aplica	51 (72,86)	25 (35,71)	26 (37,14)	
Total	70 (100,00)	31(44,29)	39 (55,71)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Não houve diferença significativa na distribuição das variáveis sociodemográficos em relação a autopercepção de sentir-se preparado para prestar atendimento à vítima de violência.

O estudo revelou a predominância de indivíduos do 8º período (32,86%), desde que 91,43% afirmaram terem tido contato com o tema na formação acadêmica, 80% relataram que o local onde teve contato com o tema foi na graduação. Quando abordado se considera importante o contato acadêmico com o tema, a maioria dos entrevistados relatam ser importante (92,86%). Entretanto 55,71% não reconhecem o fluxo de atendimento do enfermeiro a vítima de violência (Tabela 02).

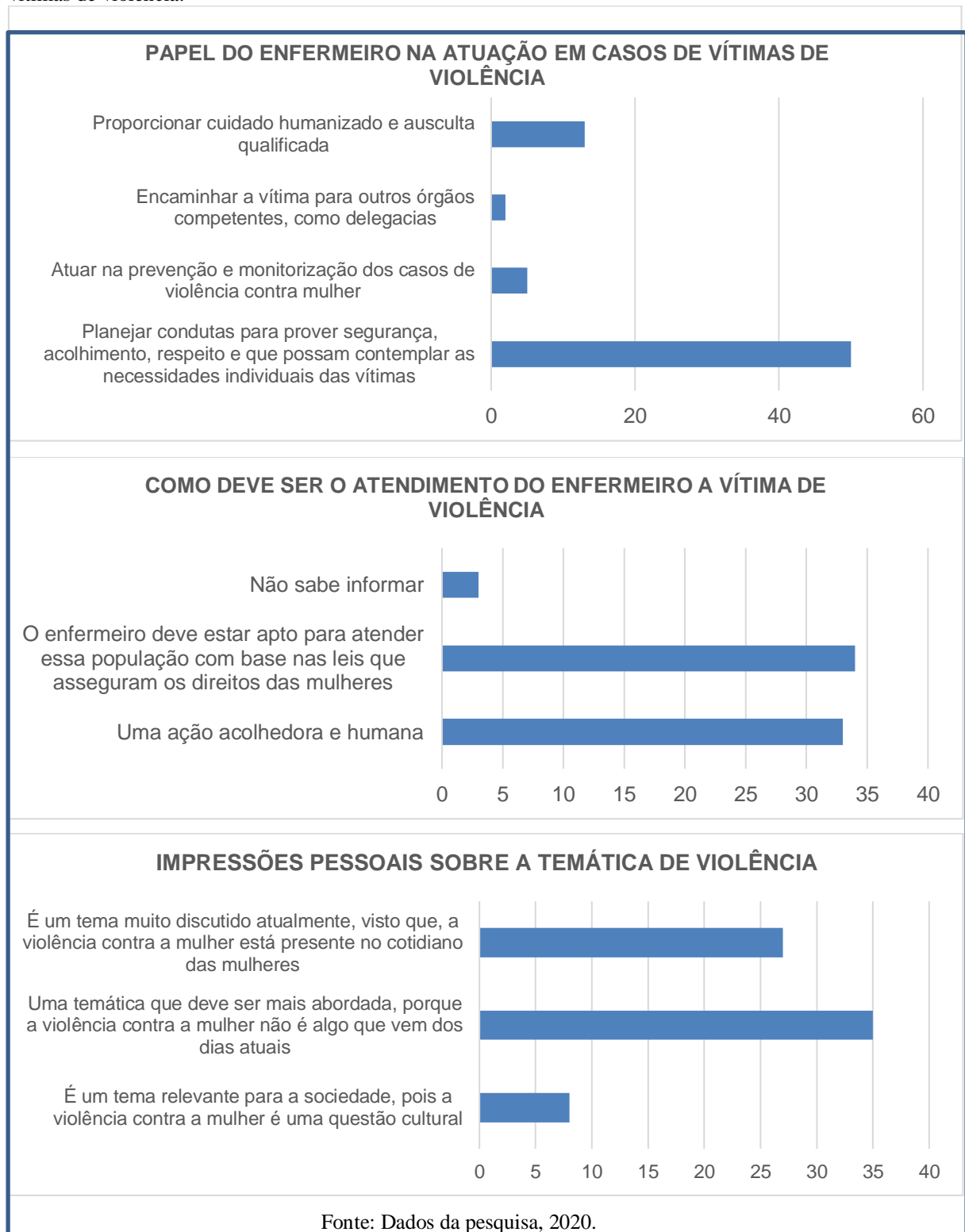
Tabela 02- Distribuição das variáveis relacionadas ao contato acadêmico com a temática por auto percepção de preparo para prestar o atendimento a vítima de violência.

	n(%)	Percepção de preparo para prestar o atendimento a vítimas de violência		p
		Não n(%)	Sim n(%)	
Período do curso				0,033
6º	7 (10,00)	6 (8,57)	1 (1,43)	
7º	13 (18,57)	4 (5,71)	9 (12,86)	
8º	23 (32,86)	11 (15,71)	12 (17,14)	
9º	12 (17,14)	7 (10,00)	5 (7,14)	
10º	15 (21,43)	3 (4,29)	12 (17,14)	
Contato com o tema na formação acadêmica				0,768
Sim	64 (91,43)	28 (40,00)	36 (51,43)	
Não	6 (8,57)	3 (4,29)	3 (4,29)	
Local onde teve contato com o tema				0,123
Graduação	56 (80,00)	26 (37,14)	32 (45,71)	
Formação complementar	4 (5,71)	-	4 (5,71)	
Curso privado	2 (2,86)	2 (2,86)	-	
Não se aplica	6 (11,43)	3 (4,29)	3 (4,29)	
Considera importante o contato acadêmico com o tema				0,257
Sim	65 (92,86)	30 (42,86)	35 (50,00)	
Não	5 (7,14)	1 (1,43)	4 (5,71)	
Conhece o fluxo de atendimento do enfermeiro a vítima de violência				<0,001
Sim	31 (44,29)	6 (8,57)	25 (35,71)	
Não	39 (55,71)	25 (35,71)	14 (20,00)	
Total	70 (100,00)	31 (44,29)	39 (55,71)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Os períodos que os discentes estavam cursando a graduação apresentaram diferenças significativas na proporção de distribuição ($p=0,033$). Houve maior frequência de discentes do 10º período que se sentiam preparados (17,14%) e menor frequência no 6º período (1,43%). Além disso, houve uma distribuição significativa entre conhecer o fluxo de atendimento e sentir-se preparado para prestar atendimento ($p<0,001$).

Figura 01- Percepção dos discentes quanto aos aspectos relacionados ao atendimento do enfermeiro às vítimas de violência.



Após análise dos dados da pesquisa, evidenciou-se que não houve relevância entre o sexo, cor da pele, características pessoais, em sentirem-se aptos ou não a atender mulheres vítimas de violência.

Mostrou-se que os critérios de aptidão para atendimento foram os indivíduos que cursam o 10º período da formação discente. Identificou-se que na graduação é relevante o contato direto com o tema e questões sobre a violência, facilitando que o futuro profissional tenha embasamento do que é violência, de como acontece, quais os tipos e como intervir na assistência ao paciente vítima de violência.

No estudo de Peralva et al (2016) foi visto que independente das características sociodemográficas, civis e religiosas, existe uma dificuldade dos enfermeiros ao se deparar diante dos casos de violência e de como prestar um atendimento amplo a esses pacientes, pois o contato com o tema na graduação na maioria das vezes é muito limitado fazendo-se necessária a intensificação do tema na graduação.

Percebem-se que o tema é muito pouco debatido e refletido por parte dos profissionais e enfatizam a importância da discussão do tema “violência de gênero”, permitindo assim que as deficiências apresentadas nos cursos de graduação da saúde, sejam corrigidas, podendo ampliar os conceitos e o pensamento dos futuros profissionais, melhorando a qualidade da assistência prestada. (MELO, VIEIRA, 2017).

O resultado do estudo mostram que quando é falando sobre violência, a um pouco de receio pois, os acadêmicos relataram que os profissionais na hora da consulta de enfermagem têm uma certa fragilidade para a identificação e cuidados das vítimas.

Com isso, a maioria dos acadêmicos mostraram-se não reconhecer do fluxo de atendimento do enfermeiro a vítimas de violência, assim como, não houve diferença significativa que mostre a preparação dos acadêmicos para prestar o atendimento a essas vítimas, mesmo havendo grande porcentagem dos acadêmicos que afirmaram ter contato com o tema violência contra a mulher durante a graduação. O que correlaciona a necessidade de maior aprofundamento dos protocolos voltados ao atendimento e assistência a vítimas de violência.

Porém, no presente estudo, não houve diferença significativa na distribuição das variáveis relacionadas ao contato pessoal dos discentes com situação de violência e a autopercepção de sentir-se preparado para prestar atendimento à vítima de violência (Tabela 03).

Tabela 03- Distribuição das variáveis relacionadas ao contato pessoal com a temática por autopercepção de preparo para prestar o atendimento a vítima de violência.

	n(%)	Percepção de preparo para prestar o atendimento a vítimas de violência		p
		Não n(%)	Sim	
Conviveu próximo a alguém, ou alguma situação de violência?				0,186
Sim	56 (80,00)	27 (48,21)	29 (51,79)	
Não	14 (20,00)	4 (5,71)	10 (14,29)	
Quais foram essas vítimas de violência que você conhece				0,061
Familiares	24 (54,28)	15 (21,43)	9 (12,86)	
Amigos	12 (17,14)	3 (4,29)	9 (12,86)	
Ambiente de trabalho	2 (2,86)	-	2 (2,86)	
Familiares e amigos	16 (22,86)	9 (12,86)	7 (10,00)	
Amigos e ambiente de trabalho	2 (2,86)	-	2 (2,86)	
Não se aplica	14 (20,00)	4 (5,71)	10 (14,29)	
Contato com alguma situação de violência baseada no gênero?				0,402
Sim	31 (44,29)	12 (17,14)	19 (27,14)	
Não	39 (55,71)	19 (27,14)	20 (28,57)	
Total	70 (100,00)	31 (44,29)	39 (55,71)	

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Por não reconhecimento de abordagem a vítimas de violência, muitas das vezes esse atendimento é negligenciado por parte da equipe de enfermagem. Portanto nota-se a necessidade de implementação de estratégias que aperfeiçoe o estudo continuado sobre aproximação e ação que visem o atendimento das mulheres vítimas de violência, assim ampliando o conhecimento sobre condutas e encaminhamentos adequados para prestação de uma assistência integralizada (XAVIER, SILVA, 2019).

Ressalta-se que os acadêmicos de enfermagem reconhecem a importância em terem um contato durante sua formação discente sobre a temática da violência contra mulher. Martins et al, (2017) relata em seu estudo que o enfermeiro é um profissional com potencial de proporcionar um atendimento humanizado e integralizado as vítimas, assim como realizar a identificação precoce, prevenção e diminuição dos agravos acometidos pelas inúmeras formas de violências.

Acredita-se que pode haver uma melhor qualificação profissional e atuação voltada ao reconhecimento, atendimento das necessidades da vítima violentada,

estabelecendo assim medidas preventivas e orientações para enfrentamento e superação da violência.

O presente estudo, evidenciou-se que é evidente que há dúvidas e dificuldades sobre o tema de violência contra a mulher, pois é uma situação difícil para lidar, onde são frequentes dúvidas em relação à conduta adequada ou até como deverá conduzir à mulher a realizar a própria denúncia contra o seu parceiro.

A equipe de saúde precisa saber conduzir todo processo e se sentir segura quanto às suas competências. Pois, as consequências sofridas pela convivência em contextos familiares violentos podem ser diversas e podem apresentar-se de diferentes formas, incluindo psicopatologias, dificuldades em relacionamentos sociais, transtornos de comportamento, cometimento de atos infracionais e crianças que convivem com violência tende na vida adulta se envolver em relacionamentos íntimos violentos (REIS, PRATA, 2018).

Os atendimentos às vítimas de violência incluem medidas de prevenção e tratamento, proporcionando à paciente a garantia de cuidado humanizado e seguro pelo profissional de enfermagem que se encontra a frente do atendimento. Neste sentido, a rede de atendimento à mulher em situação de violência está dividida em quatro áreas de atuação saúde, justiça, segurança pública e assistência social.

Com isso, a maioria dos acadêmicos relataram que a atenção à mulher em situação de violência doméstica no campo da atenção básica ressaltou que muitos profissionais são conscientes do seu papel na identificação dos casos de mulheres submetidas a situações de violência, porém relatam encontrar falhas em sua assistência e principalmente na sua atuação.

Pois, os cuidados que a equipe de enfermagem presta, às mulheres que sofrem violência, são muito importantes, pois elas precisam de apoio para lidar com a situação de violência e tirar todas as dúvidas necessárias (SILVA et al., 2019). O profissional de enfermagem tem um papel preponderante nesse contexto, podendo, inclusive, utilizar instrumentos de identificação precoce da violência.

Um dos dados importantes, diante do resultado obtido no estudo, foi a respeito do atendimento do enfermeiro a vítimas de violência, na qual deve ser realizado por profissionais qualificados e que obtenham conhecimentos dos direitos e leis que asseguram as mulheres.

Visto que, ficou evidente a importância da preparação, aprofundamento adequado da temática, visando um profissional apto para seguir os protocolos e normas que irão garantir conservação da integridade e saúde da mulher.

Para tanto, à medida que a equipe de enfermagem registra suas ações e faz um acolhimento adequado, a valorização da enfermagem se solidifica na defesa dos direitos dessas mulheres, além de contribuir para a fundamentação dos casos que resultam em processos judiciais. É preciso ressaltar que a notificação da violência não abala a segurança da vítima, uma vez que o sigilo profissional é garantido, conforme prevê a Lei Maria da Penha (SANTOS et al., 2018).

Diante dos resultados expostos, após a avaliação da interpretação e organização das falas, a violência contra a mulher é que as Instituições de Ensino Superior são esferas importantes para discussão e reflexão da temática dos futuros profissionais de saúde, porém, durante a sua formação, os acadêmicos não têm preparação para atuação frente aos casos de violência contra a mulher, enfatizando a importância de maior aprofundamento e debate da temática.

4 CONCLUSÃO

Compreende-se que a violência contra mulher é um tema que deve ser mais abordado durante a graduação dos acadêmicos de enfermagem para que haja maior preparação para atuação no campo de trabalho frente a esse problema de saúde pública.

Com isso, as instituições de ensino superior têm um papel fundamental nas construções de profissionais aptos para assistência, reconhecimento e formação de conduta profissional para atender de modo integral as vítimas violentadas, porém mesmo que a grande maioria dos acadêmicos reconheça a importância do tema e entendendo o papel do enfermeiro, uma grande parcela desconhece o fluxo de atendimento.

A pesquisa mostra que o currículo acadêmico deve abranger essa temática, de modo a abordar o tema de forma precoce e continuada, já que os dados da pesquisa mostram que os discentes que prevalecem na percepção de preparação para assistência a mulheres vítimas de violência são os acadêmicos do 10º período, mesmo que o componente curricular que o façam ter contato com a saúde da mulher equivale ao 5º período do currículo acadêmico.

Deste modo, estabelece a importância da realização de mais pesquisas voltadas a temática a fim de contribuir para que haja reconhecimento de melhor preparação dos discentes nas instituições de formação.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, S. Violência contra mulheres vem crescendo no Brasil. Fundação Oswaldo Cruz: uma instituição a serviço da vida, 11 Mar. 2019. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-vem-crescendo-no-brasil>>. Acesso em: 04 Jun. 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, T.M. et al. A violência contra a mulher sob a percepção de acadêmicos de enfermagem. Revista Eletrônica Estácio Saúde, Rio de Janeiro, n.2, v.4, 2015.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem – COFEN. Resolução nº 564/2017. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, 6 Dez. 2017. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017_59145.html>. Acesso em: 24Abr. 2020.

BRASIL. Constituição Federal de 1988, Lei Maria da Penha. Lei nº11.340, 7 de agosto de 2006. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm> . Acesso em: 08 Mai. 2020.

BRASIL. Tipos de violência. Instituto Maria Da Penha, Brasília, c2018. Disponível em:<<http://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html#:~:text=Est%C3%A3o%20previstos%20cinco%20tipos%20de,%2C%20III%2C%20IV%20e%20V>>. Acesso em: 03 de Jun. de 2020.

CAVALCANTE, L.F.C; SANTOS, K.D.S.C; COLLARES, A.C.C.L. Análise comparada das políticas públicas de enfrentamento à violência sexual contra a mulher. Seminário nacional de serviço social, trabalho e política social, Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis SC – 27 a 29 de outubro de, 2015.

COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. Mapa da violência contra a mulher 2018, ed. 1, Brasília, 2018.

DATASENADO. Violência doméstica e familiar contra a mulher, DataSenado, n.2, v.36, 2017.

DEBONI, M.A.D; SILVA, L.V.F. Lei Maria da Penha: Análise de campanhas publicitárias de superação à violência contra mulher. Fragmentos de Cultura. Goiânia, v. 28, n. 2, p. 191-206, 2018.

FONSECA, R.A.F. et al. violência doméstica contra a mulher. IV Seminário Científico da FACIG. 2018.

FONTANELLA, B.J.B; RICAS, J; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, n. 1, v. 24, p. 17-27, 2008.

FREITAS, C.G.D; SILVA, R.B.B.D. A violência contra mulher e a psicologia diante dessa realidade na perspectiva da atenção básica. Revista Mosaico, n. 10, v 1, 2019. Jurídico, Brasília-DF: 26 Jul 2017.

LEITE, R.M; NORONHA, R.M.L. Violência contra a mulher: herança histórica e reflexo das influências culturais e religiosas. Revista Direito e Dialogicidade, Crato, Ceará, n. 1, v.6, 2015.

MARIA, G; BITTAR, P. Ligue 180 é o mais importante projeto de enfrentamento à violência contra a mulher, diz secretária. Câmara dos Deputados, Brasília-DF, 13 Ago. 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/543357-ligue-180-e-o-mais-importante-projeto-de-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher-diz-secretaria/>>. Acesso em: 10 Jun. 2020.

MARTINS, A.P.A; CERQUEIRA, D; MATOS, M.V.M. A institucionalização das políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulher no Brasil. IPEA, Brasília, n. 13, v.5, 2015.

MINISTERIO DA SAÚDE. Atenção humanizada às pessoas em situação de violência sexual com registro de informações e coleta de vestígios. n. 1, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fluxograma adaptado da Linha de cuidado para atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências. Versão 4, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Protocolo da atenção básica saúde das mulheres. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, Brasília-DF, n. 1, 2016.

MARTINS, D. C. et al. Violência: abordagem, atuação e educação em enfermagem. Ciências biológicas e de saúde Unit, Aracaju, n.2, v.4 , p. 155-168, 2017.

MELO, A.L.J.M; VIEIRA, L.S.A.V. A percepção de mulheres sobre violência de gênero e sexualidade feminina. Revista da Mostra de Trabalhos de Conclusão de Curso. UrcampBagé, v. 1, n. 1, 2017.

NETA, M.A.D. et al. Conhecimento dos graduandos de enfermagem acerca da violência contra a mulher. Revista Ciência e Saberes-Facema, n. 2, v.1, p. 130-134, 2015.

MOREIRA, G.A.R, et al. Qualificação de profissionais da saúde para a atenção às mulheres em situação de violência sexual. Revista Trabalho e Educação em Saúde, Rio de Janeiro, n.3, v.16, p.1.039-1.055, 2018.

OLIVEIRA, M.V.O; DULTRA, L.D. Violência contra mulher conheça previna combata. Pluscom. Rio Grande, 2016.

OPAS/OMS. Folha informativa - Violência contra as mulheres. Novembro, 2017.
PERALVA, T.R.P, et al. Violência doméstica na percepção de enfermeiros de serviço de emergência. Revista de ciências e tecnologia, Maranhão, v.2, n.3, 2016.

QUEIROZ, R.A.Q; CUNHA, T.A.R.C. A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. *RevistaNupem*. n. 20, v.10, p. 86-95, 2018.

SANTOS R.G.D. et al. Violência Contra a Mulher à Partir das Teorias de Gênero. *Revista multidisciplinar e de psicologia*, n. 44, v.13, p. 97-117, 2019.

SANTOS, E.S; ALMEIDA, M.A.P.T. Atendimento prestado pelos Serviços de saúde à Mulher Vítima de Violência Sexual. *Id On Line Revista multidisciplinar e de psicologia*, n 35, v 11, p.84-100, 2017.

SANTOS, A. G. et al. Domínios dos transtornos mentais comuns em mulheres que relatam violência por parceiros íntimos. *Revista Latina Americana*, v. 26, 2018.

SCHAIDT, S.S.P; SILVA, W.F.S.F; CORREIA, E.C.O. A importância Da atuação do enfermeiro as vítimas de violência Sexual. *Revista jurídica Uniandrade*, n 1, v. 30, 2019.

SENADO FEDERAL. Panorama da violência contra mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais. Instituto de pesquisa DataSenado, Brasília, n. 2, p.11, 2018.

SILVA, A.V.D. et al. Conhecimento de acadêmicos de enfermagem acerca da violência contra mulher. *Revista Nursing*, São Paulo, 2019.

SILVA, P.I.N. et al Práticas educativas sobre violência contra a mulher na formação de universitários. *Rev. Bioét.Brasília*, v.24, n.2, p.276-285, ago. 2016.

SILVA, A. V. et al. Conhecimento de acadêmicos de enfermagem acerca da violência contra a mulher. *Revista Nursing*, v. 22, n. 2, 2018.

SILVA, V.G.D; RIBEIRO, P.M. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária a saúde. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, n.4, v. 24, 2020.

SOBRINHO, N.C. et al. Violência contra a mulher: a percepção dos graduandos de enfermagem. *Journal of Nursing and Health*,n. 1, v. 9, 2019.

SOUZA, C.N.D. et al. O papel da enfermagem na violência sexual contra a mulher. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, n.4, v.1, p. 31-6, 2019.

XAVIER, A. A. P, SILVA, E. G. Assistência de enfermagem no atendimento de mulheres em situação de violência na atenção básica. *RevInicCient Ext*. 2019; 2(Esp.2):293-300.

ZUCHI, C. Z., et al. Violência contra as mulheres: concepções de profissionais da Estratégia Saúde da Família acerca da escuta. *REME –Rev Min Enferm*, 22 p. 1085, 2018.